

Particularidades Mineiras: Os Obstáculos ao Surgimento e a Consolidação da Imprensa em Minas Gerais¹

MENDES, Jairo Faria²

Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) / MG

Resumo

Apesar de sua importância política e econômica, a província de Minas Gerais foi tardia no nascimento e consolidação de sua imprensa. Foi a sexta província a ter jornais, ficando atrás de Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão e Pará. O primeiro jornal da província surgiu apenas em 1823, o *Compilador Mineiro*. Para entender porque Minas viveu esta situação foi necessário estudar as particularidades econômicas, culturais, sociais e geográficas da região. Identificou-se quatro particularidades: 1) a crise da mineração, as mudanças econômicas e o trauma da Inconfidência Mineira, 2) os três deslocamentos que a imprensa mineira passará nos séculos XIX e XX, 3) a distância do litoral e sentimento de isolamento que a província viveu, e 4) a maneira moderada e conciliatória de ser do povo de Minas, chamada de "mineiridade".

Palavras-chave

História da imprensa; Minas Gerais; imprensa mineira.

1.Introdução

Minas apresentava particularidades, principalmente pela maneira como ocorreu a formação da Capitania. Minas sofreu como as demais capitanias pela forma mercantilista de colonização e viveu problemas sociais, econômicos e culturais. No entanto, esta foi uma realidade de todo o Brasil. As Gerais tiveram, inclusive, vantagens em algumas questões,

¹ GT História da Mídia Impressa, XI Encontro Nacional de História da Mídia.

² Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de São João del Rei. Pós-doutor em Jornalismo pela Universidade de Coimbra, doutor em Comunicação Social pela UMESP, mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Autor do livro "O Ombudsman e o Leitor" (2002) e com participação em diversas obras de jornalismo e/ou literatura. Escritor e artista visual. E-mail: jairo.faria@hotmail.com

principalmente com relação à urbanização e ao povoamento. Até as primeiras décadas no século XX, Minas foi o Estado mais populoso do País.

Por isso, as questões estruturais da sociedade e da economia mineira não mostram porque as Gerais não conseguiram acompanhar as principais capitâneas brasileiras. Minas tem condições sócio-econômicas semelhantes às regiões mais desenvolvidas do País.

Neste artigo, são descritas as quatro principais particularidades da Província que mais dificultaram o florescimento da imprensa. A primeira causa apresentada foi a crise econômica provocada pela decadência da exploração de ouro e diamantes, no final do século XIX, e a repressão à Inconfidência Mineira, que causaram um êxodo na região. A segunda causa foi os três deslocamentos que imprensa mineira viveu no século XIX e na primeira metade do século XX. Os jornais mineiros se concentraram em três cidades diferentes. Primeiro Ouro Preto; depois Juiz de Fora; e, por último, Belo Horizonte.

Outra causa, de menor importância, foi a distância do litoral, a falta de estradas e a topografia acidentada que deixava as Gerais numa situação de isolamento.

Por último, mostra-se como o *ethos* mineiro inibiu o florescimento dos jornais. Isso foi mais forte na fase da imprensa publicista. Como a moderação predominava na Capitania, o publicismo, que se caracterizava pela agressividade na discussão de questões políticas, não encontrou ambiente favorável na Província. Além disso, a mineiridade, que tem como características a moderação, a conciliação e a autocensura, não favoreceu ao desenvolvimento dos periódicos em suas outras fases.

2. Inconfidência Mineira, crise da mineração e mudanças econômicas

O final do século XVIII e o início do século XIX foram períodos difíceis para as Gerais. Estas dificuldades influenciaram muito no desenvolvimento da imprensa mineira, tendo em vista que o início do século XIX era o período de nascimento dos primeiros jornais do País.

As Gerais continuaram tendo muita importância econômica e política. Não tanto quanto no período setecentista. No entanto, ocorreram algumas mudanças que abalaram questões que eram chaves para o desenvolvimento da imprensa.

Um problema grave foi o despovoamento dos principais centros, principalmente de Ouro Preto. Esta era a cidade com as melhores condições de ser o berço da imprensa da Província, e acabaria tendo este papel. No entanto, como foi a localidade que mais sofreu prejuízos com a crise da mineração e com a Inconfidência Mineira, o reflexo no desenvolvimento da imprensa foi muito grande.

Em todo o Brasil, as capitais foram onde surgiram os principais jornais, e se desenvolveu a tipografia. Nas Gerais, isso não foi diferente. Mas, como Ouro Preto estava em crise, os jornais tiveram dificuldade em nascer e se consolidar.

A crise econômica causada pela decadência da exploração do ouro, no final do século XVIII, aliada à repressão à Inconfidência Mineira provocou um êxodo para regiões pouco povoadas das Gerais e até mesmo para fora da Capitania, de acordo com Carrato (1968).

A produção de ouro da Capitania, que foi superior a 100 arrobas³, entre 1763 e 1772; passou para 76, em 1776; e a 30, em 1808. Em 1820, a produção era de apenas duas arrobas. Com os diamantes ocorreu um processo semelhante.

A cidade que mais sofreu a crise econômica foi a capital, Ouro Preto. Isso foi ruim para a imprensa mineira, pois a cidade além de ser a capital, tinha uma grande tradição de vida cultural e política. Era o local mais propício para o surgimento de jornais.

Ouro Preto havia surgido em razão das riquezas encontradas em suas proximidades, mas sua localização era desfavorável para outras atividades. Situada em uma região muito difícil de ser abastecida. “(...) enquanto tivera ouro, pudera pagar caro o seu abastecimento, mas agora, reduzida à pobreza, era aquela lástima, aquela sombra do seu antigo esplendor” (CARRATO, 1968, p. 224).

A realidade de Ouro Preto, no período em que floresciam os jornais brasileiros, era de pobreza, falta de recursos públicos, diminuição da população e estagnação cultural. Isso

³ Uma arroba equivale a 15 quilos.

era muito forte, por exemplo, na década de 1820, quando Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco viram surgir um grande número de publicações.

Os dados demográficos de 1776 e 1821 mostram a crise que vivia Vila Rica (que depois viraria Ouro Preto). Dentre as cinco comarcas mineiras, Vila Rica foi a única que teve reduzida sua população, de 78.618 para 75.573 habitantes. Enquanto isso, a comarca do Rio das Mortes teve sua população aumentada em quase três vezes. Passou de 82.781 habitantes, em 1776; a 213.617, em 1821. Os dados mostram como a região mineradora foi perdendo importância para as zonas agropecuárias.

TABELA 11 – DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO MINEIRA EM 1776

COMARCA	POPULAÇÃO
1ª) Sabará	99.576 habitantes
2ª) Rio das Mortes	82.781 habitantes
3ª) Vila Rica	78.618 habitantes
4ª) Serro Frio	58.794 habitantes
TOTAL	319.769 habitantes

FONTE: Notícias e reflexões estatísticas da Província de Minas Gerais (apud MAXWELL, 1978, p. 300).

TABELA 12 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO MINEIRA EM 1821

COMARCA	POPULAÇÃO
1ª) Rio das Mortes	213.617 habitantes
2ª) Sabará	119.520 habitantes
3ª) Serro Frio	83.626 habitantes
4ª) Vila Rica	75.573 habitantes
5ª) Paracatu	21.772 habitantes
TOTAL	514. 108 habitantes

FONTE: Notícias e reflexões estatísticas da Província de Minas Gerais (apud MAXWELL, 1978, p. 301).

Esta realidade negativa de Vila Rica (Ouro Preto) foi prejudicial ao desenvolvimento da imprensa mineira. Era grave a crise que a localidade vivia. Os dados demográficos expressam bem esta realidade.

Enquanto a população da capital mineira diminuía, a Província vivia um crescimento demográfico considerável. Isso mostrava que as Gerais tinham superado a crise do ouro e se adaptavam à nova realidade econômica.

Dados estatísticos de 1772-1782 mostram que as Gerais eram a Capitania mais habitada da Colônia, com mais de 20% da população total. Em seguida vinham as capitanias da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

No entanto, a adaptação a nova realidade, sem as riquezas minerais, foi difícil. Carrato (1968) diz que a Inconfidência serviu para que os mineiros acordassem para a nova situação que a Capitania vivia, sem a opulência do período aurífero.

De acordo com Carrato (1968), aliado à crise econômica, à repressão a Inconfidência também contribuiu para o movimento migratório. Isso era coerente com o espírito aventureiro do minerador, que sempre acreditava na possibilidade de ficar rico rapidamente, e para isto estava disposto a ir aonde fosse preciso. “Ele é um desenraizado. Nada o prende a terra” (CARRATO, 1968, p. 216).

As medidas punitivas à Inconfidência Mineira afastaram da região as principais personalidades intelectuais, principalmente as relacionadas às ideias da ilustração. Como mostra Carrato (1968), houve uma “diáspora pós-inconfidência”. As pessoas com afinidade com as ideias da ilustração ou com laços de sangue com os inconfidentes fugiram para regiões pouco habitadas da Capitania, ou saíram dela.

Relatos de viajantes estrangeiros, como Saint-Hilaire (1975), descrevem Vila Rica e Mariana, “em ruínas”, ou seja, abandonadas e vazias. Isso ocorreu nas principais localidades mineiras.

3. O deslocamento constante da imprensa

Na história de Minas Gerais, a imprensa não se concentrou em um único centro. Por causa das mudanças econômicas e os processos de imigração dentro da Província (depois Estado), os jornais em períodos diferentes concentraram-se em Ouro Preto (1823-1885), Juiz de Fora (1885-1927) e Belo Horizonte (1927 em diante).

Esta é uma das principais razões de nenhum jornal mineiro importante do século XIX ter sobrevivido até os dias de hoje. A mais importante publicação que existe desde o século XIX é Órgão Oficial do Estado, o *Minas Gerais*, que começou a circular em 1892. Mas a vida longa do periódico se deve a ele ser o órgão oficial, e não pela sua popularidade.

Além disso, os três deslocamentos do centro da imprensa dificultaram a consolidação dos jornais mineiros em suas diversas fases. Na fase da imprensa publicista, Ouro Preto vivia em crise, como foi mostrado anteriormente. Na fase da imprensa informativa, a cidade perdeu definitivamente sua posição como centro da imprensa mineira para Juiz de Fora. Isso causou um atraso na história dos jornais. O primeiro jornal informativo surgiu em Ouro Preto (*Diário de Minas*), mas a imprensa informativa foi se consolidar em Juiz de Fora.

As mudanças nos centros da imprensa dificultaram a consolidação do jornalismo mineiro, porque elas não ocorriam de uma hora para outra. Era um processo em que uma cidade ia perdendo importância e outra ia se destacando. Com isso, no momento de transição, os periódicos da cidade central estavam enfraquecidos, enquanto os da localidade que ia ocupando este espaço ainda estavam se estruturando. O que não quer dizer que o deslocamento do centro da imprensa significasse a ruína dos jornais do centro anterior. No entanto, era no novo centro que a imprensa conseguia chegar superar suas fases de desenvolvimento.

Na fase da grande imprensa, também ocorreu outro deslocamento, com o centro da imprensa indo de Juiz de Fora para Belo Horizonte. Este também foi um processo longo. A nova capital foi inaugurada em 1897, mas só em 1927 superou Juiz de Fora.

No final do século XIX, Juiz de Fora possuía jornais informativos de ótima qualidade, e estava próximo da fase da grande imprensa. Quando se discutia a mudança da capital, Juiz de Fora era uma das principais candidatas a assumir este papel. Caso ela tivesse

sido escolhida, é muito provável que Minas tivesse entrado na fase da grande imprensa bem antes.

Por ser a capital da Província, em Ouro Preto surgiram os primeiros e mais importantes jornais de Minas Gerais, até a década de 1780. Os seis primeiros jornais mineiros surgiram na cidade. Neste período em que Ouro Preto (1823-1885) foi o centro da imprensa mineira, predominou nos jornais o chamado publicismo, ou seja, estes atuavam com instrumentos políticos. A crise de Ouro Preto foi muito prejudicial ao desenvolvimento da imprensa na Província.

Além da crise da mineração, que deixou a cidade arrasada, Ouro Preto por sua topografia extremamente montanhosa não tinha como expandir, e desenvolver as atividades agrícolas. Foi essa topografia desfavorável que obrigou, no final do século XIX, a mudança da capital.

Os problemas econômicos de Ouro Preto foram obstáculos a imprensa das Gerais, que acabariam buscando outro centro, Juiz de Fora. Minas viveu uma situação curiosa, tendo o centro de sua imprensa por mais de quatro décadas bem distante do centro administrativo.

Com a influência do café e da industrialização, Juiz de Fora ganhou grande importância nas últimas décadas do século XIX, e conseguiu tomar o lugar de Ouro Preto como centro econômico e da imprensa da Província.

Vários diários informativos de ótima qualidade surgiram em Juiz de Fora nas décadas de 1880 e 1890. Foi o grande momento da imprensa mineira do século XIX, foi a modernidade chegando aos jornais mineiros, já que estes eram muito superiores aos publicados em Ouro Preto.

A imprensa se desenvolveu bastante neste período, mas claro que esta divisão entre o centro econômico (Juiz de Fora) e o centro administrativo (Ouro Preto) era prejudicial ao processo de consolidação dos jornais. Seria muito mais propício ao surgimento de uma imprensa forte caso houvesse um grande centro administrativo e econômico.

Em 12 dezembro de 1897, com a inauguração da capital Cidade de Minas (que depois mudaria seu nome para Belo Horizonte), a imprensa mineira começou a se deslocar para este novo centro. A nova capital nasceu mostrando que queria ser o centro do jornalismo do Estado. Antes mesmo de ser inaugurada, cinco publicações já haviam sido criadas no local: *Bello Horizonte* (7 de setembro de 1895), *A Capital* (28 de janeiro de

1896), *Aurora* (15 de novembro de 1896), *Tiradentes* (21 de abril de 1897) e *Bohemio* (4 de julho de 1897).

Linhares (1903) mostra que até 1902, apenas quatro anos após a fundação da capital, já havia surgido na cidade 41 jornais e 8 revistas. Em 1900, por exemplo, circulavam 14 jornais, e três revistas. Alguns periódicos, como o *Minas Gerais* (órgão oficial do Estado, que circula até hoje), que já existiam, só mudaram sua sede da antiga capital Ouro Preto para Belo Horizonte.

No entanto, até o final da década de 1920, Juiz de Fora continuou sendo o centro da imprensa mineira. Esta também é a opinião do historiador Eduardo Frieiro (1962). Esta posição foi abalada com a fundação do *Correio Mineiro*, em 1926. Mas só foi perdida com a criação do *Diário da Manhã*, em 1927, e teve prosseguimento com o *Estado de Minas*, em 1928.

4. Distância do litoral

Como Minas não tem litoral, a importação de tipografias tornava-se onerosa e difícil. A grande maioria das tipografias implantadas no País veio da Europa. Em Minas, talvez por essa dificuldade de transporte, a sua primeira tipografia foi totalmente construída na Capitania, utilizando inclusive metais da região.

Mas a questão principal não é a dificuldade do transporte dos prelos. Até porque isso só dificultou o início da imprensa, e várias tipografias foram construídas em Minas. O mais importante é o isolamento, e sentimento de isolamento que a Capitania vivia.

O transporte para Minas era difícil. As estradas inexistiam, a única coisa que havia eram as trilhas deixadas pelos cavalos ou mulas nas viagens. O governo português não estimulou a construção de estradas por que queria que Minas ficasse isolada, para controlar a exploração de ouro e diamantes. “Não há caminhos (...) São burros de tropas que os definem em picadas precárias, que as chuvas a cada ano desfazem. (...) Persistiu isolada por conveniência da Coroa” (VASCONCELOS, 1981, p. 23).

Apenas em 1816 começam a ser construídas as primeiras estradas. Mas, como descreve Ávila (2000), tendo em vista a preocupação de Teófilo Otoni, já na década de

1830, para resolver o problema do transporte entre Minas e o litoral, pode deduzir que irá demorar um bom tempo até que a Província tenha uma rede de estradas razoável.

A dificuldade do transporte para as Gerais foi um obstáculo ao surgimento dos jornais. No entanto, isso poderia ser superado caso houvesse na região um grande desejo de criação da imprensa. Um exemplo disso é que, quando da descoberta do ouro, em poucos anos foram construídos centros urbanos em regiões de acesso extremamente difícil. Isso mostra como os obstáculos naturais são vencidos quando se almeja muito um objetivo.

Também é preciso considerar que a distância do litoral e a topografia montanhosa deixaram as Minas muito tempo com dificuldades de interação com o restante do País. Além disso, criaram uma sensação de isolamento, que influenciou no próprio modo de ser e pensar do mineiro, como será mostrado mais a frente.

5. Moderação e mineiridade

Em Minas, apesar de haver líderes exaltados, prevalecia a moderação, um estado de espírito que contrastava com o das regiões onde florescia a imprensa neste período. Como mostra Lustosa (2000), que estudou a imprensa carioca de 1821 a 1823, as publicações eram bastante combativas e provocativas, por isto, ela deu o nome ao livro que trata do assunto de *Insultos Impressos*.

A imprensa na década de 1820 era panfletária, como descreve Lustosa (2000). Os jornais tinham como objetivo defender posições políticas. E, muitas vezes, publicações eram criadas para responder as ofensas feitas por outros periódicos.

Como em Minas prevalecia a moderação, o ambiente não era favorável ao publicismo. Enquanto a imprensa incendiava a política carioca, pernambucana e baiana, nas Minas nem havia jornais. Estes quando surgiram também não tinham a mesma agressividade da imprensa do período.

O primeiro jornal, *O Compilador Mineiro*, não defendia bandeiras políticas. Depois a Província teve o *Abelha do Itaculumy*, que também não era um jornal provocativo. Até

1825, as Minas tiveram, no máximo, uma publicação circulando o que dificultava o aparecimento do publicismo, pois não havia a possibilidade da troca de ofensas.

Em 1825, com a criação de *O Universal*, tendo como redator Bernardo Vasconcelos, a imprensa da Província ganhou força. Provavelmente, pelo seu caráter político, seguindo a tendência dos principais periódicos publicistas do País, só que com mais moderação.

As Minas eram muito políticas, mas prevalecia a moderação e esperteza como diz Iglésias (1985):

(...) certo comportamento conciliador e até maneiroso, que chegou a virar folclórico (...) Compõe-se mesmo o estereótipo do ‘político mineiro’, visto como hábil, senão matreiro, que domina pela dissimulação e silêncio, respeito às conveniências, de modo que nunca se prejudica (IGLÉSIAS, 1985, p. 26).

Quando se busca compreender quais fatores foram inibidores da imprensa mineira, deve-se levar em conta o modo de ser do habitante desta região. Para compreender a história das Gerais não há como ignorar as particularidades de seu povo, ou seja, o que Gilberto Freyre denominou como “mineiridade”.⁴

As características da mineiridade que mais influenciaram os jornais foram a moderação, o espírito conciliador e a autocensura. Na verdade, estas três características se confundem, dizem coisas bem semelhantes. Afinal ser moderado, tem relação com ser conciliador, e para isto a autocensura é essencial, evitando assim os conflitos.

A mineiridade influenciou bastante a imprensa. Isso é mostrado por todos os historiadores da imprensa das Gerais. Mas a mineiridade não fez apenas que a imprensa fosse moderada na região, mas também influiu no desenvolvimento dos jornais em suas diversas fases.

⁴ Como diz França (1998), Gilberto Freyre, em 1946, quando era deputado, fez uma conferência em Belo Horizonte com o nome “Ordem, Liberdade e Mineiridade”. Foi ele então o criador da expressão mineiridade para designar o modo de ser do habitante das Minas Gerais.

Na fase publicista, isso é mais explícito, tendo em vista que os jornais do período eram muito agressivos. O clima de conflitos era importante para o desenvolvimento dos periódicos nesta fase. No entanto, na Província prevalecia o clima de conciliação.

Nas fases dos jornais informativos e da grande imprensa, a moderação já não aparecia de forma tão clara como um fator inibidor da imprensa. Mas, tendo em vista que aliada a ela estava a questão da autocensura, a mineiridade continuava inibindo o desenvolvimento dos periódicos.

Para discutir esta questão é essencial entender o que é a mineiridade, compreendendo o processo de formação do povo da região. Os relatos históricos mostram que o povo mineiro já tinha características bem definidas, no período oitocentista. Especula-se que fatores geográficos (as montanhas e a distância do litoral), econômicos (o apogeu e a decadência da exploração de ouro) e históricos (a repressão no período aurífero e as perseguições em razão da Inconfidência) influenciaram na formação do homem de Minas.

Rodrigues (1986) diz que, no século XIX, o tradicionalismo e a moderação prevaleciam na Província. “As idéias professoradas pelos prelados destas cidades se situam na perspectiva de tradicionalismo” (RODRIGUES, 1986, p.21). Amoroso Lima, no clássico livro *Vozes de Minas*, que ele escreveu em 1942, sabe bem descrever o mineiro. Compara Minas à Suíça, por representar o equilíbrio, e ter o importante papel de ser conciliadora. Para ele, o homem de Minas é irônico (semelhante ao inglês), realista, calmo, misterioso, contador de histórias, engraçado, terno, desejoso do meio termo, valorizador das entrelinhas, paciente, amante do passado, conservador, ordeiro mas não cumpridor de leis, coletivista, econômico, simples, modesto, sem confiança, lento, fiel, fechado, indiferente aos modismos, perfeccionista, maduro (as crianças não tem direito à infância), ensimesmado, ligado à família.

No entanto, vários autores, como Sylvio Vasconcelos, Alceu de Amoroso Lima, Francisco Iglesias, José Carlos Rodrigues e Gilberto Freyre, destacam que existem dois momentos na formação do povo mineiro: o primeiro de uma sociedade rebelde e desordenada, e o segundo de estabilidade e moderação. Num dos raros momentos em que Freyre (1989) fala de Minas ele lembra da passagem do mineiro da turbulência para a

estabilidade. “(...) mineiros; os quais, passada a fase turbulenta do ouro e dos diamantes, se aquietariam na gente mais estável, mais equilibrada e, talvez, melhor nutrida do Brasil” (FREYRE, 1989, p. 79).

Inicialmente, com a descoberta do ouro, as Minas foram invadidas por pessoas ávidas por riquezas, vindas de todas as partes. Foram aventureiros que chegavam transformando Minas numa terra sem leis, em que prevalecia a violência e a libertinagem. De certa forma confirmava uma ideia muito forte na época de que o ouro trazia vícios, e não felicidade.

No entanto, como descreve vários autores, o perfil do mineiro se modifica rapidamente, à medida que vai se estruturando a sociedade local e se esgotando o ouro. De aventureiro, o mineiro vai se aproximando mais do perfil do trabalhador. Largando a ousadia, e tornando um povo conhecido pela moderação e pela simplicidade. O mineiro vai se enquadrando mais na definição de Amoroso Lima (2000, p.106-107): “O mineiro não ama a inovação, a aventura, o risco à toa (...) Minas é a substância *moderadora*”.

Como diz Carrato (1968), a decadência da exploração do ouro foi um trauma para os mineiros. “é a dissolução do próprio homem” (CARRATO, 1968, p. 227).

Isso se reflete na imprensa. Em 1842, morre o combativo jornal *O Universal*, e, em 1850, surge *O Conciliador*, que o próprio nome já demonstra a sua postura.

É consenso entre os historiadores da imprensa mineira do século XIX que esta tinha a moderação como uma característica forte. E, para entender essa forma de fazer jornais nas Minas, é necessário conhecer o homem das Gerais do século XIX.

Considero esta uma causa do tardio surgimento de jornais e da demora da consolidação da imprensa mineira. A moderação, que prevalecia na Capitania, não era propícia para o desenvolvimento de periódicos na fase publicista. Os jornais cresciam em ambientes em que o conflito político os demandavam. Nas Gerais, o quadro era o oposto disso. Não que o mineiro não gostasse de política, mas porque tinha um jeito diferente de fazer política, em que o confronto era evitado.

6. REFERÊNCIAS

CARRATO, José Ferreira. O pai da imprensa mineira e o seu mundo. In: **Revista da Escola de Comunicações Culturais da USP**. São Paulo. V. 1, n. 1, 1968. p.65-100.

CARRATO, José Ferreira. **Igreja, iluminismo e escolas mineiras coloniais**. São Paulo: Edusp, 1968. 311p.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiro do século XIX**. Recife: Imp. Universitária, 1963. 224p.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989. 587p.

FRIEIRO, Eduardo. Notas sobre a imprensa mineira. **Revista da Universidade de Minas Gerais**. Separata nº 12. Jan. 1962. p.64-83.

IGLÉSIAS, Francisco. **Três séculos de Minas**. Belo Horizonte: Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, 1985. 32 p.

LIMA, Alceu Amoroso. **Voz de Minas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 225p.

LINHARES, Joaquim Nabuco de. Imprensa em Belo Horizonte. In: **Revista do Arquivo Público Mineiro**, ano VIII, 1903, p.585-614.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos: A guerra dos jornalistas na independência (1821-1823)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 497p.

RODRIGUES, José Carlos. **Idéias filosóficas e políticas em Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986. 180p.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. 378p.

VASCONCELOS, Sylvio de. **Mineiridade: Ensaio de caracterização**. São Paulo: Abril Cultural, 1981. 107p.